



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

DOIS RIOS E O MUNDO DE LENIZA E DOS ESPAÇOS DO RIO DE JANEIRO EM A *ESTRELA SOBE*, DE MARQUES REBELO

Two Rivers and the world of Leniza and the spaces of Rio de Janeiro in A Estrela Sobe, By Marques Rebelo

Cyndi Oliveira Moura¹
Claudia Vanessa Bergamini²

RESUMO

Este artigo propõe-se a investigar, por meio de uma revisão bibliográfica, as relações possíveis entre a cidade do Rio de Janeiro e a personagem principal do romance *A estrela sobe*, de Marques Rebelo. Publicado em 1939, o romance apresenta os caminhos percorridos por Leniza em sua subida social, cujo preço é sua decaída moral. Em *A estrela sobe*, Rebelo permite que o leitor visualize os altos e baixos da personagem e relacione-os com os dois Rios daquela época: o Rio suburbano – onde Leniza cresce –, e o Rio glamouroso – onde Leniza “se perde”. O autor realiza esse feito a partir da utilização de uma linguagem que contempla elementos essenciais que possibilitam analisar a cidade, representada pela subjetividade das personagens do livro em questão.

Palavras-Chave: Rio de Janeiro; espaços da cidade; Marques Rebelo.

ABSTRACT

This article aims to investigate, through a bibliographic review, the possible relations between the city of Rio de Janeiro and the main character of the novel A Estrela sobe, by Marques Rebelo. Published in 1939, the novel presents the paths taken by Leniza in her social rise, the price of which is her moral decline. In A Estrela Sobe, Rebelo allows the reader to visualize the character's ups and downs and to relate them to the two Rio de Janeiro of that time: the suburban Rio - where Leniza grows up - and the glamorous Rio - where Leniza “gets lost”. The author accomplishes this feat using a language that includes essential elements that make it possible to analyze the city, represented by the subjectivity of the characters in the book in question.

¹ Aluna do Curso de Letras da Universidade Federal do Acre, Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: cyndioliveiramoura@gmail.com

² Professora Doutora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre. E-mail: claudia.bergamini@ufac.br

Keywords: Rio de Janeiro; city spaces; Marques Rebelo.

1. Introdução

Face a tantos temas que perpassam o texto literário, a cidade mostra-se também como objeto dinâmico dentro de contos, crônicas, romances e poemas. A cidade desponta em malabarismos de imagens e mostra como os limites territoriais se revelam no texto, permitindo a representação dos espaços e dos tipos que circulam como partes deles (GOMES, 2008).

Diante da cidade, verificam-se espaços nos quais se realizam diferentes atividades e se encontram diversos tipos humanos. Nela tudo está interligado, e o espaço, tido como urbano, assume uma divisão simbólica: centro e regiões periféricas (BERGAMINI, 2012). A partir dessa divisão, a cidade ganha forma e se fragmenta. É justamente essa forma dos espaços e a personagem que neles circula que interessam a este artigo, no qual se busca analisar o romance *A estrela sobe*, de Marques Rebelo, tomando especificamente os espaços pelos quais Leniza, a protagonista, se locomove.

Romance do escritor carioca Marques Rebelo, pseudônimo de Edi Dias da Cruz, *A estrela sobe* foi escrito entre 1934 e 1938 e publicado em 1939, elemento relevante para a narrativa, pois crescia no Brasil, nesse período, a grande máquina de sonhos da época: a rádio (FERRARETTO, 2014; CARNEIRO, 2018). Nessa obra, acompanha-se a história de Leniza Méier, moça de origem simples que sonha em ser cantora de rádio e, por isso, caminha entre dois ‘Rios’ de Janeiro daquela época: o Rio suburbano e o Rio glamouroso.

Entende-se a produção literária de Marques Rebelo, em específico o livro a que se propõe analisar, como linguagem que contempla elementos essenciais que permitem analisar a cidade, representada pela subjetividade das personagens da obra em questão. Com relação às representações das imagens da cidade presentes em textos literários, Pesavento (2002, p. 8) esclarece que “A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas.”

É relevante reforçar que, à época em que o romance *A estrela sobe* foi escrito, o Rio de Janeiro era a capital brasileira, literária, artística e intelectual do Brasil. Esse aspecto influencia bastante a escrita de Rebelo, que nasceu e cresceu no Rio da grande efervescência cultural (TRIGO, 1996).

Marques Rebelo foi jornalista, poeta, contista, romancista e cronista. Foi romancista do Rio de Janeiro, herdeiro do amor pela cidade de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto. Suas obras retratam as transformações dos anos de 1930 a 1960, a vida noturna, a boemia e a sensualidade, uma deliciosa crônica das ruas, dos bondes, da pequena burguesia [...] (CARNEIRO; RODRIGUES, 2017, p. 3).

Trigo (1996) afirma também que nenhum outro autor retratou tão bem a transformação contínua do Rio de Janeiro da década de 1930 quanto Marques Rebelo, “a ponto de Antônio Olinto ter cunhado um termo para designar o estilo do autor: ‘carioquismo’” (TRIGO, 1996, p. 8). Na literatura de Rebelo, a cidade é também personagem, sendo fonte potencial e emblemática do romance em questão (ALONSO, 2019).

Dito isso, reforça-se, em *A estrela sobe*, o movimento de Leniza por dentro da cidade, suas descidas e subidas, tanto na ladeira da pensão onde morava com sua família quanto na rádio que a alçou a um sucesso “custoso”. Dessa maneira, pretende-se, como objetivo central deste artigo, desenvolver uma análise sobre a relação estreita entre a personagem Leniza e a cidade do Rio de Janeiro. A partir de uma revisão bibliográfica, que, sobre o assunto em questão, busca-se analisar o romance em pauta, a partir de fragmentos do livro, que amparem a análise do objetivo traçado.

2. Leniza e o Rio suburbano

No início do romance, tem-se a apresentação breve dos pais de Leniza: um relojoeiro com descendência alemã, Martin, e uma moça “mestiça disfarçada”, Manuela.

Seu Martin, descendente de alemães, era relojoeiro mas nunca teve negócio próprio. Trabalhava numa aristocrática ourivesaria do centro. Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite, em casa, num canto da sala de jantar, que ele batizara de oficina. Deve-se a isto e à atividade de dona Manuela, que ajudava incansavelmente o marido cozinhando, lavando, cosendo, o relativo conforto em que Leniza viveu os seus primeiros anos (REBELO, 2010, p. 9).

A família contava com uma situação financeira ruim, pois seu Martin, apesar de habilidoso e paciente, gastava mais do que ganhava em certas “regalias burguesas”. Dona Manuela, ainda que ajudasse o marido cozinhando, lavando e cosendo, não conseguia pagar todas as contas. Martin adocece e vive acamado por dois anos, não resistindo muito tempo depois disso. Assim, D. Manuela se vê na miséria – mas não desamparada. Uma comadre, viúva e sem filhos, recebe-a em sua casa, cujos cômodos alugava.

É aqui que começa, de forma mais nítida, a relação dos espaços citadinos com as personagens do romance de Marques Rebelo. A casa da comadre ficava em uma ladeira da Saúde:

Estreita, iluminada a gás, um lampião aqui, outro lá em cima, a ladeira era calçada à antiga, com grandes pedras desiguais, que um capim raquítico parecia separar. Quando chovia um pouco mais, transformava-se numa cascata, que impossibilitava o acesso. Não tinha saída. Terminava junto ao corte a prumo da pedreira (REBELO, 2010, p. 10).

Primeira moradia efetivamente descrita no romance, a casa parece relacionar-se, de forma íntima, com a dificuldade passada pela mãe, Manuela, e a filha, Leniza, nos anos em que moravam na ladeira da

Saúde. O calor, o espaço físico restrito, o pouco dinheiro – tudo isso aparece não só como descrição de um espaço, mas também de sentimentos abafados pela miséria.

Outro aspecto notadamente relevante para o desenvolvimento da personagem Leniza é o período da infância e da adolescência na pensão. Conforme Carneiro e Rodrigues (2017), o contexto em que a personagem cresceu influenciou a maneira como Leniza agia e reagia em seus relacionamentos interpessoais, pois, como os hóspedes da pensão, a personagem tornou-se uma mulher sem pudor (CARNEIRO; RODRIGUES, 2017, p. 7).

Rasgaram-se para Leniza muitos mistérios a vida. A promiscuidade com os hóspedes da comadre facilitara uma parte. Via-os constantemente nus, nos quartos de portas abertas, de propósito ou não, no chuveiro e na latrina comuns; ouvia as suas conversas livres, seus ditos pesados, suas anedotas bocagianas. As meninas do colégio, as amigas da rua, completaram a instrução (REBELO, 2010, p. 12).

Questão significativa no romance em questão, o rádio no Brasil – naquele período sob o Estado Novo de Vargas –, vivia seu apogeu (CARNEIRO, 2018; CALABRE, 2003). Surgiam, a todo momento, novos cantores e artistas vindos das classes mais “baixas”, popularizando não só o meio de comunicação em si, mas os artistas também, alimentando “a imagem dessa figura mista de seres humanos normais e de estrelas” (CALABRE, 2003, p. 2).

Contudo, antes de ser plantado em Leniza o sonho de ser cantora de rádio, a personagem, a fim de ajudar financeiramente a mãe após o falecimento da comadre, começa a trabalhar em uma fábrica de balas, no empacotamento. No ambiente de trabalho, Leniza sofreu assédio sexual – o primeiro – do responsável pela seção:

Só admitia uma maneira de justiça: fossem gostoso com ele. Moça nova que entrasse tinha de se submeter aos seus ataques de ternura. Leniza defendeu-se da primeira investida:

— Cantas, mas não encantas.

Ele fez-se desentendido:

— Que é?

Dois dias depois voltou à carga. Ela desiludiu-o:

— Não insista. Com você, nem para o céu (REBELO, 2010, p. 16).

Por não ceder às investidas do seu superior, Leniza é despedida. Vê-se, aqui, uma Leniza ainda vinculada, de certa maneira, às normas patriarcais definidas pela sociedade, pois, ao não se render ao funcionário que a assediava, “Saiu com uma auréola de pureza bastante ofensiva para as companheiras que ficavam” (REBELO, 2010, p. 16).

Não demora muito para que D. Manuela consiga outro emprego para a filha, no laboratório de especialidades farmacêuticas (REBELO, 2010). Nesse momento, é criada a duplicidade da narrativa: de um lado, o ambiente familiar, privado, a vida suburbana e suas imposições morais; de outro, o progresso urbano, a vida agitada, moderna do Rio que emergia industrialmente (VIDAL, 2002; ALONSO, 2019).

No laboratório, Leniza terminou sua passagem de menina para mulher:

Nessas conversas intermináveis, de linguagem solta e assuntos crus, Leniza se completou. Isabela, Afonsina, Idália, Jurete, Deolinda – foram mestras. O mundo acabou de se desvendar. Leniza perdeu o tom ingênuo que ainda podia ter. Ganhou um jogar de corpo que convida, um quebrar de olhos que promete tudo, à toa, gratuitamente (REBELO, 2010, p. 17).

É necessário lembrar que, no período em que o romance foi publicado, a sexualidade feminina ainda era um tabu. A mulher deveria ser preservada, guardada para o casamento. A virgindade feminina era um patrimônio familiar, significava que a mulher era pura, digna (CARNEIRO; RODRIGUES, 2017). Dessa maneira, pode-se já analisar que Leniza estava à frente de seu tempo, rompendo os paradigmas esperados da figura feminina até então.

Voltava [dos bailes] alta madrugada no automóvel dos amiguinhos, que a obrigavam, na descida, a certas pequenas compensações a que não se furtava, exceto uma vez em que, com decisão e rudeza, dissera ao acompanhante, um sujeitinho com quem não simpatizava um pingo, “que ele estava muito enganado.” Mentia para a mãe: — O irmão de fulana é que trouxe — não raro estendendo a mentira, num luxo de detalhes que emprestassem maior veracidade: — Coitado, tive pena. Estava tão cansado... (REBELO, 2010, p. 18).

Após um ano, Leniza tem seu primeiro caso sério, “talvez mais que uma doidice, como ela reconheceria mais tarde” (REBELO, 2010, p. 19), com Astério, hóspede da pensão. “Sabe-se que um mês depois de tê-lo visto entrar, puxando pelo corredor uma mala tipo canastra, estava apaixonada” (REBELO, 2010, p. 19).

O romance, inicialmente, acontecia sem que D. Manuela soubesse. Astério, contudo, queria contar à mãe da moça, mas Leniza era contra:

— Vou falar com sua mãe hoje.
— Não. Não fale.
— Vou.
— Não vai!
— Mas por quê?! Diga! Não há nada que...
— Há sim. Porque não quero! — e ameaçava-o: — Se você falar, juro por esta luz que me alumia que nunca mais... (REBELO, 2010, p. 21).

Entre idas e vindas, Astério e Leniza assumem o romance para D. Manuela. No entanto, Leniza não quer compromisso sério. Em uma briga, acabam na delegacia, terminam o namoro e Astério vai embora da pensão. No quarto do rapaz, passa a viver seu Alberto, que tocava violão e foi de grande relevância para incentivar Leniza a cantar na rádio.

Seu Alberto achava que seria bom ela tentar. Ir a uma estação, cantar para eles ouvirem... Voz tinha. Graça também. Quem sabe? Ia falando, falando... — a voz mole, arrastada, quase feminina. Dona Manuela insensivelmente dando corda: — É, não é... — Leniza não ouve — sonha. Ela cantando. Ela ouvida pela mãe, por seu Alberto, pelo vizinho, por todo mundo. Ela ganhando dinheiro, muito dinheiro, ela se vestindo bem, cotada à beça, com retrato nos jornais todos os dias.

[...]

O sono custou a chegar para Leniza – ser cantora de rádio!... e quando acordou, no outro dia, não foi outro o seu primeiro pensamento – ser cantora de rádio!... (REBELO, 2010, p. 29-30).

Nesse ínterim, o laboratório onde Leniza trabalhava é vendido, aspecto essencial para o romance de Rebelo, pois é a partir desse acontecimento que Leniza inicia, de maneira decisiva, sua vida amorosa (VIDAL, 2002). Quando o novo dono assume o laboratório, investe em propaganda. A fim de melhorar as vendas e tornar os produtos populares, contratou moças bonitas para mercenciar os medicamentos junto aos médicos, em suas clínicas. Leniza é uma das escolhidas:

A quarta já estava escolhida antes do anúncio – Leniza. As razões da escolha eram de duas ordens: física – era linda de rosto e de corpo; intelectual – era inteligente, ativa e tinha alguma instrução, como pudera verificar (REBELO, 2010, p. 26).

É nesse momento que se pode visualizar, de maneira mais efetiva, a relação entre Leniza e a cidade do Rio de Janeiro, revelando o segundo ambiente da narrativa (VIDAL, 2002). O subúrbio e o centro, o privado e o público, a descida e a subida. Leniza assume, assim, “uma alegoria da vida carioca, com seus conflitos e perplexidades” (ALONSO, 2019, p. 167).

Como representante de vendas do laboratório, Leniza sente-se livre, andando na rua, conversando com quem desejava, reencontrando “velhos amiguinhos” com quem passava as tardes (REBELO, 2010). Em um de seus dias de trabalho, a moça conhece o médico Oliveira, sua segunda paixão na história.

Verifica-se, a partir dos encontros com Oliveira, a não-intenção de Leniza em se casar, tal qual já se havia visualizado na relação com Astério. A moça experimenta a liberdade e não quer renunciar a ela:

— Você, Leniza, é mesmo uma charada. Você irrita, mas não consente tudo. Não quer. Também não quer casar, não é?

— Mais ou menos...

- Parece ser uma coisa, mas não é. Parece querer uma coisa, não quer.
 — Eu engano muito.
 — Engana a você mesma. Porque, afinal, que é que você quer? Que é que você espera da vida?
 Leniza exaltou-se:
 — Espero muito, oras! Mais do que supões. Quero ser livre, Oliveira! Dispor de mim, você não compreende? Dispor de mim. Fazer o que entender (REBELO, 2010, p. 34).

O sonho de ser cantora de rádio não morre – fica lá, insistente (REBELO, 2010). O desejo, todavia, começa a se tornar viável quando Leniza é apresentada a Mário Alves, a quem inicialmente achou antipático, mas, ao saber que existia uma possibilidade de ele introduzi-la no ambiente radiofônico, muda a abordagem:

- MÁRIO ALVES FOI-LHE APRESENTADO por uma amiguinha num sorvete-dançante do Flamengo.
 — Conhecia-a já muito de vista.
 Achou-o supinamente antipático. [...]
 — Mas então o que é que o senhor faz?
 — Vendo aparelhos de rádio.
 Ela se iluminou:
 — Rádios?! (REBELO, 2010, p. 36, 39).

Uma passagem relevante do romance ocorre quando Oliveira leva Leniza, pela primeira vez, em casa. No fragmento disposto abaixo, Leniza demonstra sentir, ao mesmo tempo, costume e repulsa do local em que vive. É o Rio suburbano que se apresenta, entrelaçando-se com a protagonista da história:

- ERA A PRIMEIRA VEZ que ele a levava em casa.
 — Manda parar na primeira esquina. Automóvel não sobe.
 Ele despachou o táxi:
 — Mas subo eu.
 Leniza sentiu-se mais à vontade, mais segura de si, naquela escuridão tão sua conhecida:
 — Pois tenho pena.
 Ele afundava os pés em buracos invisíveis, prendia-os nos vãos das pedras. Ela deu-lhe a mão:
 — Guie-se por mim. Sou formada neste precipício.
 Os passos vagarosos ecoavam, lúgubres, secos. Vinha distante, doloroso, um apito de trem.
 — É triste, não é?
 — Um pouco.
 — Bastante. Mas ao menos de noite tem uma vantagem: não se vê como é imunda (REBELO, 2010, p. 47).

Observa-se que o narrador dá voz à personagem que, ao percorrer o espaço suburbano ao qual ela pertence, lamenta o aspecto feio do lugar. Leniza, que já conhece a outra Rio de Janeiro, sabe o quão lúgubre e triste é o espaço em que vive.

Outro ponto relevante do romance é o passeio que Leniza e Oliveira fazem pelo Rio, em um dia de fuga do trabalho. Nessa passagem, apesar de toda a tranquilidade que o médico transpassa, de certa forma, a ela, demonstrada pela escolha lexical do narrador (palavras que passam amenidade, leveza), Leniza não quer se prender a alguém, pois a liberdade é seu bem mais precioso.

DESCERAM NO ALTO DO ASCURRA, sentaram-se na balaustrada do caminho. Lá embaixo a enseada de Botafogo, o Flamengo, a massa do casario, a fita das praias de Niterói, o Pão de Açúcar, as ilhas e as embarcações refulgiam ao sol. Pássaros cantam. Insetos zumbem. Flores silvestres desabrocham no entrelaço do mato, onde as folhas ainda guardam a boa umidade noturna. Rumores d'água, gritos, vozes, latidos chegam de pontos vários. Perfumes agrestes embalsamam o ar. Uma alegria tranquila, que vem da paisagem, que vem das coisas, penetra em Leniza. Ele também está calmo. Passa o braço pelas costas dela, puxa-a contra o peito, onde ela se acomoda, mole, plácida, protegida. A vida poderia acabar ali (REBELO, 2010, p. 57).

Apesar de a relação com Oliveira oferecer certa estabilidade à Leniza, ela deseja mais (VIDAL, 2002; CARNEIRO; RODRIGUES, 2017). A personagem investe, então, em Mário Alves, que a apresenta a Porto, da Rádio Metrópolis, seu camarada (REBELO, 2010), e, após uma audição, Leniza alcança, enfim, seu sonho – mas com percalços. Inicia-se o sacrifício da vida pessoal em favor do sucesso (TATIT, 2002).

3. Leniza e o Rio glamouroso

Ao entrar na rádio, Leniza começa a romper com o que a ligava ao Rio suburbano, representado pelos seus primeiros empregos e pela pensão na ladeira da Saúde. Contudo, o marco dessa ruptura acontece quando Leniza perde sua virgindade com Mário Alves, uma espécie de “pagamento” por ele ter-lhe conseguido a vaga tão sonhada como cantora de rádio:

Ela está distante, fremente, rilhando os dentes, tombando em abismos sem fim. Ele avançou, quase feroz! Ela abafou o grito selvagem, na sensação inglória e dolorosa de que estava sendo aberta ao meio, rachada, dividida em duas Lenizas: Leniza-Bem, Leniza-Mal – destruída para sempre a Leniza Verdadeira, a que era Bem e Mal... (REBELO, 2010, p. 77).

Leniza logo descobre que não vai receber o combinado – e que não havia contrato algum que assegurasse seu salário. Perdida, vaga pela cidade, em uma sensacional demonstração narrativa de Rebelo, comparando a multidão com um mar, que levava Leniza para onde queria.

Era noite fechada. Fulgiam anúncios luminosos. Os bondes apinhados, lotados os ônibus. Estrugem buzinas, estampidos, campainhas, rangem freios, descem portas de aço com estrépito de metralhadoras. Há o tropel e o vozear dos transeuntes, o alarido sensacional dos

vendedores de jornais, um cheiro quente de gasolina. E eles caminham, o mais depressa que podem, através da onda humana. Não falam (REBELO, 2010, p. 114).

Constata-se, no fragmento, a dinamicidade de que a linguagem é revestida. Primeiro se tem em períodos curtos um quadro do ambiente, que permite um contraste entre a noite fechada, o escuro, portanto, e a claridade que os anúncios irradiam. O Rio se apresenta como espaço de modernidade, de agito, reforçado pelos sons que são representados – com sugestivas onomatopeias – por palavras que permitem perceber a noite agitada que se anuncia. E é nesse sentido que se observa que o autor sabe captar os signos da cidade e transpô-los ao texto.

Outra passagem, logo em seguida, também é expressiva, substanciando o envolvimento entre Leniza e a cidade do Rio, tão parte dela quanto qualquer outra parte sua:

UMA GRANDE AFLIÇÃO assaltou-a quando se despediu de Mário e encetou a subida da ladeira sob os olhos do vigilante, que por acaso passava cá embaixo, na esquina. A cada passo, a angústia crescia. Crescia como uma ferida má, crescia, insuportável, gosto de traição na boca, gosto ácido... As têmporas latejam. Abria a blusa para receber no peito o vento do mar como um alívio, como um refrigério, um calmante (REBELO, 2010, p. 117).

Após algum tempo trabalhando na rádio, Leniza é apresentada à Dulce, cantora veterana, mas sem muito talento (REBELO, 2010), que fará grande diferença em sua vida, pois as duas começam um relacionamento homoafetivo, transgressor para a época (VIDAL, 2002; CARNEIRO; RODRIGUES, 2017).

É Dulce quem paga o primeiro “salário” de Leniza. Ao chegar em casa, a moça exclama:

– Precisamos é mudar daqui, mamãe! Largar esta joça, esta imundície, alugar um apartamento decente na cidade – a mãe sorria, seu Alberto apoiava: Aprovado, muito bem! E seu Alberto haveria de ir com elas! Seu Alberto era a felicidade em pessoa: Só a morte nos separará, dona Leniza!... Dona Manuela nunca vira tanta maluqueira. E vai ser por todo este mês, mamãe. Ali não ficaria mais. Iria procurar logo apartamento. Pequeno, mas decente. Chegava de Saúde, de ladeiras, de ratos, de hóspedes, de baratas, de banho de chuveiro! (REBELO, 2010, p. 156).

Quando Leniza obtém sucesso como cantora de rádio, acompanham-na seus dilemas morais. A personagem, antes descrita como uma moça alegre e um tanto ambiciosa, renuncia a um amor “verdadeiro” com o médico Oliveira e passa a relacionar-se com quem oferece a ela as melhores oportunidades de manter seu padrão financeiro e social. Visualizam-se, ao decorrer da narrativa, as descidas emocionais de Leniza, que se opõem à sua subida social. Aí está um dos entrelaçamentos com a cidade: descida do morro versus ascensão social; ascensão social versus decaimento moral.

BRILHAVAM ESTRELAS quando acordaram. Dissipou-se a tonteira. Veio um amargo sentimento de perda, de diminuição. Sentia-se partida em pedaços. Procurou se reconstruir, pedacinho a pedacinho... Mas foi como uma criança de mãos trêmulas querendo armar um puzzle – impossível! E insensivelmente as lágrimas rolaram (REBELO, 2010, p. 77).

Os boatos sobre a “indecência” de Leniza espalham-se e chegam até Dona Manuela:

DONA MANUELA SENTARA-SE junto à janela, olhava o casario se estendendo. Um bondinho passava pelo viaduto. O convento de Santa Teresa, na encosta do morro, protegido pela árvore imensa, era qual branco refúgio das últimas almas tranquilas. [...]

– Eu estava guardando uma coisa, Leniza, mas não quero guardar mais. Recebi uma carta falando muito mal de ti (“Não tenho nada com o caso, não tenho por hábito me envolver na vida de ninguém, mas tenho pena da senhora. A senhora está muito iludida...” Iludida?)

Leniza ficou branca. A voz faltou. Dona Manuela voltou a olhar a paisagem, urbana e medíocre, eriçada de arranha-céus, símbolos orgulhosos de uma falsa grandeza (tinha de dar naquilo. A culpa fora dela. Confiara demais. Cega que fora!). O sol descia sobre os telhados (REBELO, 2010, p. 181).

Aqui, vê-se, na escolha de palavras do narrador, o contraste entre pureza e impureza; decência e indecência; moralidade e imoralidade. Leniza continua ganhando status como cantora. O sacrifício pessoal visando ao sucesso, adaptando toda circunstância, com foco na melhoria de vida: “Agem como se alguém lhes soprasse aos ouvidos: ou é isso ou não será coisa alguma.” (TATIT, 2002, p. 9).

Nesse momento do romance, o narrador rebeliano permite interpretar, em suas descrições espaciais, que, apesar de Leniza ter subido na questão salarial e de moradia (um apartamento no quinto andar), ainda precisa visitar espaços sujos, feios, insalubres, tal qual sua moral:

A CASA DA PARTEIRA FICAVA em São Cristóvão, lá para os lados do Caju. Recebeu-a de chinelos e penhoar de ramagens. Ficou combinado que por trezentos mil-réis, pagos adiantados, madame Consuelo faria o trabalho. Só pedia sigilo, absoluto sigilo, o que aliás era para o bem de ambas. Era uma senhora gorda, mal-encarada, rosto marcado de bexiga, uma enorme verruga no queixo. As unhas eram tão rentes que nem parecia ter unhas. No outro dia – falava com uma voz tão pastosa que incomodava! – às dez da manhã, viesse sem falta e não tivesse medo. [...] Acostumada à habitual limpeza dos consultórios médicos, a casa imunda da parteira e a imundície dela própria (o pescoço sujo, o cabelo sujo, Leniza notou) causaram-lhe péssima impressão:

– Sabe duma? Não tenho a menor confiança nessa mulher. Como é suja! (REBELO, 2010, p. 201-202).

Assim, percebe-se que Leniza renuncia ao que a ligava ao mundo “moral”. Quebra-se, perde-se, chega ao fundo do poço. Acompanham-na, em suas subidas e descidas, as paisagens do Rio de Janeiro. Confirma-se, dessa maneira, que as descrições dos ambientes citadinos do romance seguem Leniza tanto na subida, no sucesso, quanto na descida moral, no desespero, na melancolia.

Nas últimas sentenças do livro, o narrador “perde” a história de Leniza. Deixa para o leitor a tarefa de imaginar, ou transformar, o final da mulher repleta de “tribulação e trevas, desmaio e angústia, e obscuridade” (REBELO, 2010, p. 222).

4. Considerações finais

A partir do que foi analisado neste artigo, verifica-se a intensa relação entre a personagem principal de *A estrela sobe*, Leniza, e a cidade do Rio de Janeiro, até então capital do país e centro da produção artística nacional.

Sabe-se que, na década em que o romance foi escrito, o Brasil contava com uma forte produção radiofônica, com seus artistas sendo comparados a deuses. Aspecto relevante uma vez que a protagonista de *A estrela sobe* foca suas energias em busca de uma carreira impetuosa e enérgica na rádio; no entanto, essa carreira fica mais no plano do sonho do que da concretização em si e, para alçar-se socialmente, Leniza paga com sua “pureza”.

Afirma-se isso, porque ela utiliza seu corpo como meio de troca de favores, rompendo com o que se esperava da figura feminina da época (casamento, filhos, por exemplo), o que não interessava a ela – o sucesso sim. Não importava como. Dessa maneira, consegue-se perceber, na leitura do romance de Marques Rebelo, as mudanças de comportamento de Leniza e como essas transformações estão relacionadas com o Rio de Janeiro de então.

Rebelo permite que o leitor visualize os altos e baixos da personagem e relacione-os com os dois Rios daquela época: o Rio suburbano – onde Leniza cresce –, com o Rio glamouroso – onde Leniza “se perde”. O autor realiza este feito a partir da utilização de uma linguagem que contempla elementos essenciais que possibilitam analisar a cidade, representada pela subjetividade das personagens do livro em questão.

Face às considerações tecidas, considera-se que este artigo atingiu seu objetivo de propor uma reflexão sobre o vínculo entre Leniza e os espaços da cidade do Rio de Janeiro, em que a personagem não só habitava, mas também vivenciava, significativamente. Os dois Rios de *A estrela sobe* proporcionam ao leitor viver o sentimento da personagem por meio de suas relações com a Cidade Maravilhosa.

Referências

ALONSO, Mariângela. Do alto ao baixo: o Rio de Janeiro em *A estrela sobe*, de Marques Rebelo / From the Upper to the Lower City: Rio de Janeiro in *A estrela sobe*, by Marques Rebelo. In: **Eixo Roda**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 163-182, 2019. Disponível em:

http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/13657/1125612292 Acesso em 30 abr. 2021.

BERGAMINI, Claudia Vanessa. **De Norte a Sul, quadros e costumes históricos do Brasil** - o olhar de Marques Rebelo. 132 f. Dissertação. Mestrado em Letras. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

CALABRE, Lia. A Era do Rádio – Memória e História. **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa, 2003, p. 1-8.

CARNEIRO, Ana Paula Lima. **A mulher na ficção de Marques Rebelo**. 129 f. Dissertação. Mestrado em Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros – RN, 2018.

CARNEIRO, Ana Paula Lima; RODRIGUES, Manuel Freire. A representação da mulher em A estrela sobe: uma análise da personagem Leniza. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 19, n. 27, p. 1-12, jul./dez. 2017.

FERRARETTO, Luiz Artur. De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v. 3, n. 1, jan. 2014-jun. 2014

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**; literatura e experiência urbana/Renato Gomes Cordeiro; prefácio de Eneida Maria de Souza. 2 ed. ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

REBELO, Marques. **A estrela sobe**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010

TATIT, Luiz. Apresentação. *In*: VIDAL, Ariovaldo José; AGUIAR, Joaquim Alves de. **Leniza & Elis**: duas cantoras – dois intérpretes. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2002, p. 9-14.

TRIGO, Luciano. **Marques Rebelo**: mosaico de um escritor. Coleção Perfis do Rio (9). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996

VIDAL, Ariovaldo José. Leniza Maier: a voz carioca. *In*: VIDAL, Ariovaldo José; AGUIAR, Joaquim Alves de. **Leniza & Elis**: duas cantoras – dois intérpretes. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2002, pp. 15-71